

---

*E vós, quem dizeis que eu sou? Representações  
atuais de Jesus e seus reflexos nas Igrejas*

*Who do you say what I am? Contemporary representations  
of Jesus and their reflections on Churches*

*João Eduardo Pinto Basto Lupi\**

---

**Resumo:** Como personalidade influente na humanidade nos últimos dois milênios, Jesus teve inúmeras representações, todas se considerando legítimas, embora distintas e até contraditórias entre si. A mentalidade religiosa contemporânea (Nova Era) criou algumas imagens de Jesus, por vezes mesclando crenças não cristãs. Lendo os Apócrifos, inclusive sua projeção no Alcorão, e consultando as teologias cristãs atuais, verifica-se que essas novas imagens seguem uma tendência que acompanha a criatividade de outras modalidades de cristianismo.

**Palavras-chave:** Jesus. Nova Era. Apócrifos.

**Abstract:** During the last two millennia the influence of the personality of Jesus on Human Culture has been remarkable and all its many representations consider themselves as legitimate, although they differ from one another in many ways. As a contemporary religious attitude of mind New Age gave rise to new images of Jesus, sometimes bringing together non-Christian beliefs with Christian ones. Reading the Apocrypha, including their projection in the Coran, and consulting nowadays Christian theologies, we see these new images follow a tendency tied to the creativity of other types of Christianity. These images are not so odd as old ones from the Apocrypha, and they actually have, in Christian Theological trends, some ground in giving way to different interpretations. Those new faces of Christ look as if they were new reflections of Christianity.

**Keyword:** Jesus. New Age. Apocrypha.

---

\* Doutor em Filosofia. Professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lupi@cfh.ufsc.br

## 1 As muitas imagens de Jesus

Ao longo dos últimos dois milênios, Jesus Cristo foi amado e adorado por muitos, criticado e desprezado por outros; foi, ao menos no Ocidente, a personagem mais influente de toda a história, a figura mais estudada e discutida, que despertou mais emoções, atitudes e compromissos – muitas vezes até a morte. Rever todo esse patrimônio do que se disse acerca dele (“E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15)) seria impossível mesmo que resumido, repetitivo; mas é possível prestar atenção ao que, em parte, se diz sobre Jesus e tentar definir algumas atitudes características da contemporaneidade. É por isso que perguntamos: “Quem é Jesus?”, isto é, como o veem atualmente aqueles que, de algum modo, o conhecem ou ouviram falar dele.

No que se refere à imagem mais conhecida da personalidade de Jesus, não há grandes modificações: bondoso para com todos sem fazer distinção de pessoas, gentil e misericordioso com os pecadores e os que sofrem, sereno nas piores dificuldades, humilde e discreto, mas capaz de atitudes firmes. É assim, com algumas variantes, que o retratam obras de arte, por exemplo, o musical *Jesus Christ Superstar* (1970) e o filme *Jesus liebt mich* (2012). Essa é a imagem mais constante desde o início da sua pregação.

Alguns desses traços foram modificados ao longo da história do cristianismo, outros foram acrescentados como interpretação, mas se pode dizer que tanto o Jesus histórico como o da fé só começaram a ser revistos em maior profundidade há poucas décadas e, mesmo assim, para a maioria dos cristãos, praticamente não há mudanças significativas entre o Jesus dos Evangelhos e o atual – de algum modo redivivo. Mas a mentalidade religiosa contemporânea, particularmente a chamada “Nova Era”, apresenta-nos um retrato de Jesus que, conforme a formação e a imaginação do intérprete, modifica-se por vezes de modo notável: monge essênio, peregrino na Índia, casado e com filhos e muitos outros elementos que, mesmo quando não alteram o desenho principal, pelo menos retratam um personagem histórico diferente do tradicional das Igrejas, o que pode abalar convicções da fé. Mesmo quando se procura definir uma imagem mais conforme com os quatro Evangelhos canônicos, destacam-se traços de irreverência de Jesus: entre muitas outras atitudes de rebeldia, se acentua que ele estava em conflito permanente com a sua família, era celibatário por transgressão dos hábitos judeus, curandeiro itinerante e não radicado no Templo, incomodava as autoridades porque

trabalhava de graça, desafiava as legitimidades e os poderes constituídos. (TOLEDO, 1992, p. 55-57, *passim*). Esses ensaios para redefinir Jesus fazem dele um tema frequente em todo tipo de revista e jornal cultural, não só nos religiosos e nos *alternativos*, mas também em revistas de divulgação científica, de geografia, ou de cultura geral popular.

Contudo, o impacto negativo, ou de estranheza, que causam esses textos e artigos sobre os leitores de formação conservadora seria minimizado se tivessem em conta pelo menos dois fatores, ou movimentos intelectuais, que ocorreram no seio da Teologia cristã no último século: o estudo dos textos conhecidos como apócrifos referentes a Jesus e suas circunstâncias, e a revisão doutrinal iniciada no começo do século XX pelos teólogos luteranos germânicos e logo estendida a outras Igrejas, incluindo a Católica Romana, com a problemática de desmitologização, de separação: o Cristo histórico do Cristo da fé, e, para resumir, a influência que novas vertentes teológicas, como a Teologia feminista, a da cultura e de tantas outras, que tiveram sobre a maneira de encarar Jesus.

Vamos, pois, confrontar três tipos de representação atuais de Jesus: as que brotam, de certo modo, *aleatoriamente* da Nova Era – que procuraremos, em parte, em revistas de divulgação cultural; as que provêm do recente interesse pelos Apócrifos, fazendo uma reflexão sobre o seu uso na doutrina do islamismo acerca do Profeta Jesus; e as que têm fundamento na Teologia luterana.

A pesquisa será limitada ao desenho da figura contemporânea de Jesus, mas a preocupação é também com a consistência dessa figura, já que, em muitos traços, parece fantasiosa e destituída de fundamento. Para criticar alguns desses aspectos precisamos rever elementos tanto teológicos como exegéticos.

## 2 O Jesus da Nova Era

O interesse atual por Jesus quer saber quem ele era, em detalhes e circunstâncias; não basta o conhecimento teológico; as pessoas querem saber se ele nasceu mesmo em Belém, numa manjedoura, cercado de seus pais e de pastores, que língua falava, se era pobre, qual era a sua profissão, se José era seu pai, se tinha irmãos, se era casado... (TOLEDO, 1992, p. 48).

Em muitos ambientes religiosos atuais, é com facilidade que se aceitam novas versões sobre a pessoa de Jesus Cristo, incluindo elementos sem nenhum tipo de comprovação nas Escrituras ou em alguma outra tradição, mas apenas em suposições. Nessas composições da figura de Jesus, geralmente entram elementos orientais, nomeadamente palestinos e hindus. Vejamos alguns exemplos.

Yeshua Reiki, o Reiki de Jesus é uma técnica baseada na arte de cura e imposição de mãos dos essênios, e no método de Yeshua (Jesus Cristo). Yeshua Reiki foi criado pelo mestre Yeshua Reiki, rabino da Igreja Judaica Cristã Essênia de Jesus Cristo, Abba Yaacov Kadosh, aqui no Brasil. Baseando-se na sabedoria adquirida nas iniciações que Abba Yaacov Kadosh recebeu de um mestre Essênio, e nas antigas artes de cura por imposição de mãos dos essênios, nas técnicas da Cabala Essênia, mestre Abba Yaacov Kadosh adaptou o antigo sistema essênio de cura, tornando-a acessível para os seres humanos deste século, e assim criou o Yeshua Reiki para uso geral da humanidade, com técnicas estas que, no original, também foram utilizadas pelo maior Mestre essênio do passado: Jesus Cristo. Yeshua Reiki é uma forma direta de acesso à sagrada energia de cura de Deus e de Jesus Cristo, o Messias. É um método diferente da energia do Reiki Usui, pois trabalha de forma própria no sentido judaico-cristão essênio da palavra: a cura pela harmonização de nossa vida com Deus, com suas leis escritas na Tora (o Velho Testamento) e no Novo Testamento, tendo também a principal diferença de estar ligada à fé em Deus, em Jesus Cristo e aos Anjos, como devem ser invocados na comunhão essênia diária.<sup>1</sup>

A divindade de Jesus é, muitas vezes, posta em dúvida, quando não negada: ele seria apenas um mestre que veio para nos mostrar o potencial que temos oculto e despertar nossa sensibilidade religiosa. “A vontade de saber mais sobre Cristo – e sobre uma suposta ‘outra face’ que não está na Bíblia – tem sido alimentada por descobertas históricas como os evangelhos apócrifos”. (BELTRÃO, 2004, p. 9). Na legenda da epígrafe de uma imagem consta: “Venda de livros que tentam desvendar a vida de Jesus reflete interesse do público em saber mais sobre o homem que mudou o mundo.”

Já o musical *Jesus Christ Superstar* (1970), de Tom Rice (texto) e Andrew Lloyd Webber (música), não contesta abertamente a divindade de Jesus, mas deixa dúvidas sobre sua personalidade. As palavras de

Maria Madalena e dos Apóstolos colocam a inquietação pela busca, de certo modo a decifração, da pessoa de Jesus, que percebem não alcançar em sua complexidade. Há outra pessoa por trás das aparências e não conseguimos vê-la. “I don’t know how to love him”, “Não sei como amá-lo”, diz Madalena; “parece que é apenas um homem, mas me assusta”. Madalena e os Apóstolos, depois que Jesus foi preso, se lamentam e repetem o refrão: “Could we start again please”. “Vamos começar tudo de novo”, porque parece que agora começamos a entender. No final, as declarações confusas de Judas e Pilatos mostram o que Rice e Lloyd Webber (1969, 1973) querem transmitir: foi tudo um grande engano, estamos perdidos, mas quem é que pode realmente conhecer Jesus? E o coro final repete: “Who are you?” (Quem és tu?). A data (1970) em que o compositor apresentou seu trabalho (portanto a composição é do final da década de 60, do século XX) é significativa: *Hair* fora encenado poucos anos antes, estava-se no auge do movimento *hippie* e da revolução estudantil. No meio de toda a fermentação de idéias, os autores de *Jesus Christ* percebem que há interrogações latentes, que são religiosas, mas não são feitas nos moldes tradicionais e ortodoxos. Na busca de Jesus, há um contexto muito mais amplo, confuso, sobre o qual os Apóstolos refletem várias vezes no musical: *What’s the buzz? Tell me what’s happening...* (Que rumores são esses? Digam-me o que é que está acontecendo...).

Na ânsia de querer saber mais sobre Jesus e de descobrir mais “segredos” acerca da sua vida e personalidade, a imaginação discorre até sobre uma possível viagem de Jesus à Índia, onde teria aprendido a usar poderes especiais não só com os brâmanes e os monges budistas – ou que seria ele mesmo uma encarnação de Buda – mas também com extraterrestres (KERSTEN, 1986); essa e outras suposições procedem de algumas convicções, de certo modo legítimas, e de outras apenas curiosas: que Jesus convenceu os discípulos mais por meio de poderes quase mágicos do que pela sua doutrina e pessoa divina, ou que o Ocidente é espiritualmente inferior ao Oriente e é lá que se precisa buscar uma humanidade superior.

A Nova Era quer um Jesus *mais humano*, mais próximo de nós:

Parece não haver limites para as fantasias e delírios em torno de Jesus. Em vez da exaltação exacerbada nos séculos anteriores, os artistas atuais se empenham em ressaltar necessidades, dúvidas e fraquezas próprias de um ser de carne e osso, como cada um de nós. (MODERNELL, 2002, p. 50b).

### 3 Jesus nos Apócrifos

Nos primeiros dois ou três séculos do cristianismo, circularam, entre as comunidades cristãs, muitos textos que narravam e comentavam a vida e a doutrina de Jesus Cristo. Supõe-se que os mais antigos, em aramaico, desapareceram sem deixar indícios. Pouco a pouco, as Igrejas foram selecionando aqueles escritos (em Grego *koiné*, popular) que lhes pareciam mais conformes com a doutrina transmitida, deixando de lado os que não se adequavam a essa visão e foram tidos como redigidos fora da inspiração divina (apócrifos). Durante séculos, pouco se discutiu acerca dessa escolha, até que a descoberta dos manuscritos do Mar Morto (livros do Antigo Testamento) e de Nag Hamadi (do Novo Testamento) veio pôr de novo essa questão, alimentada mais recentemente pelo romance de Dan Brown sobre o *Código Da Vinci*.

Os textos da literatura cristã antiga que relatam a vida de Jesus e que são conhecidos como “os ocultos”, ou escondidos (apócrifos, não canônicos) são, em grande quantidade, de estilos e concepções doutrinários variados e de épocas distantes entre si: alguns são, na sua provável versão original, contemporâneos dos quatro Evangelhos canônicos enquanto outros são conhecidos em versões medievais ou foram retocados no Renascimento – aliás, as próprias coletâneas de Apócrifos são muito distintas entre si. Por isso muitos deles têm escasso interesse em mostrar as variantes da imagem de Jesus que tenham valor ou influência na atualidade. Estão, nesse caso, os textos contra as tendências judaizantes, como as *Atas de Pilatos*, segundo as quais Satanás teria inspirado aos judeus a morte de Jesus (OTERO, 1988, p. 440-441, 456), mostrando, assim, que os rituais judeus não podem ser adotados pelos cristãos. Mais constrangedores ainda são os chamados *Evangelhos da Infância*, onde o *Menino* aparece matando seus coleguinhas de brincadeiras, vingando-se de quem o incomodava (MODERNELL, 2002, p. 50a), cegando os pais das crianças, humilhando e mesmo matando seus professores e, depois, por brincadeira, ressuscitava e consertava todos os males que fizera, por exemplo: *Evangelho do Pseudo Mateus*, *Evangelho do Pseudo Tomé* e outros. (OTERO, 1988, p. 217-284, *passim*).

Em termos gerais, gnosticismo é a doutrina segundo a qual o maior problema (não se diz “pecado”) do ser humano é a ignorância, que só pode resolver-se pela iluminação, pelo esclarecimento que vem da união mística com Deus. É desse modo que se obtém a salvação. Em relação ao cristianismo, as doutrinas gnósticas propõem uma salvação do mal

que se alcança pelo aprendizado espiritual e não através da Redenção do sacrifício de Jesus Cristo, portanto não levando em conta a sua Paixão e Ressurreição. No entender de alguém teologicamente correto, “a Paixão de Cristo, que hoje consideramos central para a fé cristã, não tinha a menor importância para os seguidores desses textos. Nada de culpa, portanto”. (MONTENEGRO, 2004, p. 52a). Entre outras consequências, ficam abolidos os intermediários entre o fiel e Deus. Jesus passa a ser um mestre, um guia espiritual, que ensina a encontrar a salvação no interior do homem, mas que se afasta depois que o discípulo se emancipa. (PAGELS, 2006, p. 20-23; FARIA, 2009, p. 72-73). Agostinho já dizia que, no mais íntimo do humano, está Deus, mas ele não abolia, como os gnósticos fizeram, e fazem ainda hoje, a missão de Jesus pelo sacrifício e morte. Outro resultado dessa doutrina é que cada indivíduo passa a ser seu próprio critério de verdade, já que recebe diretamente de Deus a luz que o ilumina e salva. (PAGELS, 2006, p. 20-21, 54).

Feitas estas restrições, e nos limites desta breve introdução ao tema, parece que poderíamos escolher dois grupos de textos: os que tiveram influência nas tradições muçulmanas, inclusive no Alcorão – e que assim conservaram antigas visões cristãs que hoje estão esquecidas ou “ocultas” porque minoritárias, das quais trataremos mais adiante; e os Evangelhos gnósticos. Embora diversos textos tenham recebido influências gnósticas, há muitos que seguem particularmente essa tendência, entre os quais os mais conhecidos são o *Evangelho de Tomé*, o *Evangelho de Judas* e o *Evangelho de Felipe*.

A tendência do tipo Nova Era, de preferir a liberdade individual à orientação eclesiástica, está bem presente nessa interpretação, aliás correta, em que, ao falar dos seguidores do *Evangelho de Tomé*, se diz que eles “rejeitavam a hierarquia e, portanto, a Igreja. A salvação está dentro de cada um de nós, e podemos atingi-la sem a ajuda de um padre”. (MONTENEGRO, 2004, p. 55b).

Assim o *Evangelho de Judas* aponta para um Jesus interior:

o espírito é um centelha divina, e por meio dele Deus pode viver no coração de qualquer ser humano. O corpo não é o invólucro mortal do espírito, como na visão tradicional – é a sua prisão, da qual é desejável libertar-se. A revelação que Jesus teria feito a Judas é que qualquer um de nós poderia se tornar um só com Deus, por meio do conhecimento do nosso espírito. (MEYER, 2006, p. 70).

A própria personalidade e missão de Cristo se apresentam diferentes das dos outros Evangelhos, ao manterem um relacionamento com Judas não sendo esse traidor, mas auxiliar da doutrina, tema, de certo modo, aliciante: *Jesus Christ Superstar* concede mais espaço às falas e dúvidas torturantes de Judas do que às dos outros apóstolos.

De modo geral, continua Meyer (2006, p. ib), a nossa época, devido “às transformações sociais sem precedentes [...] é muito propícia à curiosidade” que as descobertas dos textos dos Apócrifos têm despertado: “As idéias contidas nesses textos – de igualdade entre os sexos, de busca espiritual interior, de tolerância para com opiniões diferentes – encontram hoje muito espaço no qual ecoar.” Essa é a opinião também de um especialista, Frei Jacir de Freitas Faria, para quem os Apócrifos oferecem outras imagens de Jesus que devemos ter em consideração. (FARIA, 2009, p. 78-79). Quando nos dizem que “nos primórdios do cristianismo nem sequer os Padres da Igreja faziam distinções entre Evangelhos ortodoxos e apócrifos: os citavam indistintamente” (FARIA, 2006, p. 107), está sendo exagerada a confusão que existia ante a quantidade de tradições e de textos à disposição das comunidades cristãs, mas se evidencia a tendência atual a considerar que outras tradições primitivas foram desconsideradas.

“Os cristãos do mundo têm vontade de saber mais sobre esse homem, mesmo que seja através de textos que a Igreja não considera legítimos”. (MONTENEGRO, 2004, p. 50a). Ou, talvez, se procure outro Jesus por meio de tais textos pelo fato de eles não serem considerados legítimos, pois cada leitor considera que é ele quem sabe os critérios de legitimidade. “Esta é uma sociedade que desconfia de qualquer instituição, então, dizer que eles foram condenados pela Igreja vira um chamariz” diz o teólogo Pedro Vasconcelos da PUCSP (apud MONTENEGRO, 2004, p. 52b). O Jesus dos Apócrifos, diz Juan Arías no jornal *El País*, “é um Jesus mais humano, em situações mais próximas da vida dos homens e mulheres de hoje”. (Apud MONTENEGRO, 2004, p. 50a).

Não se pode esperar, pelo menos em curto prazo, que os Evangelhos apócrifos (ou alguns deles) sejam admitidos no cânon da Bíblia, ou numa leitura litúrgica, mas a discussão sobre textos veio trazer à tona o problema: outras imagens de Jesus Cristo e da sua doutrina são possíveis.

#### 4 Jesus: Profeta do Islã

A tradição muçulmana foi uma importante transmissora da imagem de Jesus distinta da que nos foi legada pelos Evangelhos sinópticos. Considerando que essa imagem de Jesus representa antigas crenças cristãs e, além disso, é a que os muçulmanos apresentam aos cristãos nos diálogos contemporâneos, vale a pena tê-la em conta. Para esse propósito, não convém, aqui, deter-se em toda a história e exegese dessa elaboração islâmica do personagem Jesus. Entre os textos cristãos que mais provavelmente foram utilizados no Alcorão e pelos primeiros muçulmanos estão: o *Evangelho Árabe da Infância*, a *História de José o Carpinteiro*, também com versão árabe, e os *hadith* (ditos ágrafos) em que a imagem de Cristo é diferente da cristã tradicional. (OTERO, 1988, p. 114-116). Já os teólogos muçulmanos posteriores se serviram de outros textos; por exemplo Ur-Rahim para a elaboração da personalidade profética de Jesus consulta o *Evangelho de Barnabé* e o *Pastor de Hermas* (UR-RAHIM, 1995, p. 49-59) textos esses que estavam presentes nas assembleias cristãs primitivas, mas que não foram aceitos como canônicos.

Maomé (*Muhammad*) recolheu ideias cristãs de comunidades marginais em relação às autoridades ortodoxas, nas quais se tinham, como autênticos, livros, doutrinas e ditos que eram estranhos ao cânon estabelecido pelas Igrejas de Roma e de Constantinopla. Assim, embora o conhecimento que Maomé tinha do judaísmo e do cristianismo fosse notável, ele, certamente, não acompanhava a teologia das autoridades eclesiásticas dessas religiões. O próprio Alcorão diz repetidas vezes que os judeus e cristãos foram infiéis à Revelação porque se serviram de livros que não eram autênticos. O Alcorão começa (Sura 2) por recapitular toda a história dos patriarcas desde Adão, Abraão e Ismael, até Isaac, Jacó e Moisés – em outras suras, cita muitas vezes Noé – e insiste que todo aquele que anteriormente fora submisso (muçulmano) a Deus integrava a tradição islâmica. Os cristãos que Maomé conheceu pertenciam a pequenas comunidades árabes e sírias, onde predominavam não só tradições nestorianas e coptas, mas também as *populares*, isto é, que não eram guiadas por teólogos e sacerdotes e que utilizavam, sem critérios definidos, relatos acerca de Jesus que não tinham origens apostólicas, tal como fizeram algumas comunidades dos primeiros dois ou três séculos. A representação de Jesus no Alcorão desperta nosso interesse porque se refere a uma questão importante: a da transmissão oral dos relatos (DUNN, 2013, p. 95-144) peculiar por ser ao mesmo

tempo flexível nos detalhes, mas estável no principal. Desse modo, de muitas e distintas imagens acerca do personagem Jesus que circulavam no início do cristianismo, a pregação de Maomé e a sua consolidação no Alcorão farão uma figura não ortodoxa, alternativa, mas coerente, que persiste na Teologia islâmica até hoje. “O *Evangelho de Barnabé* cobre mais extensamente do que os outros a vida de Jesus, enquanto o Alcorão e os *Ahadice (hadith)* clarificam ainda mais a imagem de Jesus.” (UR-RAHIM, 1995, p. 29). Os relatos do Alcorão acerca de Jesus mostram essa dependência dos textos não canônicos (KAMEL, 2007, p. 60) como os *Evangelhos da Infância*; por exemplo a Sura 19 (p. 30-33) na qual Jesus recém-nascido fala no berço dizendo quem é, amplia a mesma fala e é condição que se encontra no *Evangelho Árabe da Infância* (I, 2, OTERO, 1988, p. 303-304). Jesus, nascido sem pecado, tal como sua Mãe Maria, é a Palavra de Deus, o Espírito de Deus; ele deu muitos sinais (milagres) provando sua missão divina como mensageiro ou profeta da Revelação; voltará à Terra para governá-la em 45 anos de paz. (KAMEL, 2007, p. 59-62). Mas, porque não é Filho de Deus (não é da mesma natureza do Deus único) não ressuscitou, nem morreu na cruz: sua morte foi uma ilusão (Sura 4, p. 157) crença que Maomé partilhava com os adeptos do docetismo e outros gnósticos muito influentes no cristianismo dos primeiros séculos. Nas palavras do já citado teólogo contemporâneo, “descobrimos que não foi Jesus quem foi crucificado, mas alguém que se parecia com ele”. (UR-RAHIM, 1995, p. 30).

Para o Alcorão Jesus foi o maior profeta, ou mensageiro da Revelação, antes de Maomé; ele exalta também a figura da Mãe de Jesus, Maria, sempre citada com veneração e respeito no Alcorão. Jesus foi não só um grande profeta, mas será ele quem virá depois da Ressurreição de todos os seres humanos para presidir o Juízo Final. O retorno de Jesus é uma convicção bem presente no islamismo: Marmoud Ahmadinedjad (eleito presidente do Irã em 2005), numa recepção e saudação a cristãos iranianos, dizia em 2006 (KAMEL, 2007, p. 107): “A era da dureza e das ameaças chegará a um fim e, se Deus quiser, Jesus retornará para o mundo juntamente com a emergência do descendente do santo profeta do Islã, o imã Mahdi, e eles varrerão cada milímetro de opressão, dor e agonia da face da Terra”.

Mas, para o Alcorão, Jesus não é Deus, não é Filho de Deus – repare-se que para muitos cristãos dos primeiros séculos essa negação não era um problema, pelo contrário; muitos tinham restrições para

considerar Jesus como Filho de Deus, consubstancial ao Pai, e por isso aceitaram facilmente a doutrina muçulmana. Outro traço marcante é que os leitores do Alcorão consideram que Jesus teve menos inserção na sociedade do que Maomé, pois não era casado e não teve atuação política (EL HAYEK, 2004, n. 936, p. 318); alguns cristãos de hoje parece que também pensam assim: “Jesus era um inconformista, porém seu real engajamento político suscita muitas dúvidas”. (MODERNELL, 2002, p. 52b).

## 5 Jesus na Teologia cristã contemporânea

Desde meados do século XVIII e por todo o século XIX diversos pensadores – entre os mais conhecidos: David Strauss e Ernest Renan – se ocuparam em desvendar a realidade do Jesus histórico. Mas a grande renovação da Teologia sobre Jesus veio da Igreja Luterana alemã, conforme comenta Albert Schweitzer (2009, p. 11): no futuro, diz ele, “a teologia alemã se destacará como um fenômeno único na vida mental e espiritual do nosso tempo. [...] E a maior conquista da teologia alemã é a investigação crítica acerca da vida de Jesus”. Em 1906, Schweitzer publicou a sua tese de doutorado (reeditada em 1913) onde fazia a revisão de toda essa historiografia teológica e que tinha como subtítulo: “De Reimarus a Wrede, uma história da pesquisa sobre a vida de Jesus”. Ele concluía pela impossibilidade de reconstituição do personagem histórico Jesus. A partir daí, a Teologia luterana começou a distinguir mais claramente entre o personagem Jesus e sua pregação – o anúncio, ou *kerigma*. Para Rudolf Bultmann (1884-1976) (2004) o Cristo da fé não é o histórico – que não podemos conhecer, mas o do Evangelho, aquele que tornou Deus compreensível aos homens. A relação entre o Jesus histórico, anunciador do *kerigma*, e o seu próprio anúncio, foi o ponto crítico de uma discussão teológica que se originou após a Segunda Guerra Mundial a partir das ideias de Bultmann. Ele analisou a pregação de Jesus e, assumindo que os Evangelhos sinóticos representam a fixação tardia (cerca de 40 anos depois da morte de Jesus) de diversas tradições orais, considera que muito do que neles se lê mais reflete a crença das comunidades, consolidada pela reflexão e a fé, do que relatos exatos da pregação de Jesus. (BULTMANN, 2004, p. 39-72). Sob esse ponto de vista, continua ele: a projeção retroativa das convicções dos discípulos e seguidores de Jesus tem conotações lendárias. (2004, p. 66). Sem negar a importância fundamental da pregação e da pessoa de Jesus, esse

entendimento da proclamação da Boa-Nova desmonta algumas ideias sobre Jesus, que são mais anúncios litúrgicos do que artigos de fé, pois, por exemplo: “Jesus não se apresentou como juiz do mundo nem como salvador supranatural” e as doutrinas acerca de Jesus como Messias e como Filho do Homem são elaborações eclesiais posteriores à sua pregação – embora tenham nelas a sua origem (BULTMANN, 2004, p. 67-72).

Após Bultmann ter feito as primeiras publicações, Ernst Käsemann e outros teólogos, inclusive da Igreja Católica e de outras Igrejas, iniciaram a polêmica; Joachim Jeremias reagiu protestando contra uma Teologia que reduzia Cristo a uma ideia e desprezava sua pessoa real; de modo semelhante, e na mesma época (1958), Paul Althaus insistia em afirmar que sem o personagem histórico a figura de Jesus como pregador não tinha significado. (GIBELLINI, 2002, p. 45-56, 108; DUNN, 2013, p. 34-35). Generalizou-se a crítica literária como procedimento para “extrair” dos Evangelhos a realidade sobre Jesus e, sabendo que os textos não foram escritos por historiadores, buscou-se a interpretação meta-histórica, do qual se passou à revisão dos Evangelhos como fontes históricas (que não o são, ao menos no sentido historiográfico) e ao seu entendimento como fatores de fé. (BLOOM, 2006). “O Jesus que preferimos conhecer é o Jesus humano, o Jesus que realmente conheceu e viveu a realidade da existência cotidiana na Palestina do século I”. (DUNN, 2013, p. 20). Bonhöffer vai mais longe e pergunta qual é o sentido de Cristo num mundo adulto e num cristianismo não religioso (GIBELLINI, 2002, p. 116); dito de outro modo: saber quem é Cristo depende da interpretação do que Deus revelou por ele, o que, por sua vez, reflete, segundo Schillebeeckx, nossa experiência no mundo, e este mundo é uma sociedade secular, não religiosa. (Apud GIBELLINI, 2002, p. 333). Repare-se que nesta discussão se fala mais em Cristo (o Messias, a Palavra revelada) do que em Jesus, o personagem “de carne e osso”; o próprio Schillebeeckx o demonstra, pois sua obra *Jesus: a história de um vivente* (1974) aceita o fracasso da pesquisa sobre o Jesus histórico e propõe remontar do Cristo da fé ao Jesus histórico. (p. 335). Quando depois das análises críticas de Bultmann (2004) – e seus impasses –, se procurava o Jesus histórico, já se sabia que não se encontraria um único, mas muitas imagens e versões, desde o bom judeu cumpridor da lei e dos costumes até o inovador que rompeu com o judaísmo para dar lugar a outro modo de adorar e cultuar o mesmo Deus de Abraão e Jacó. Se já sabemos que não podemos encontrar o verdadeiro e autêntico Jesus,

procuremos, então, diz Dunn (2013, p. 74-83), o Jesus característico: qual é a imagem que recordamos e que podemos remontar ao impacto original causado por Jesus sobre os discípulos? E quais foram suas atitudes e ditos peculiares, distintivos, e que estão plenamente assegurados pela leitura direta (literal) das fontes evangélicas? Seus traços básicos são os de um judeu da Galileia que começou sua pregação depois de ser batizado por João, que se inseria na tradição judaica, mas a criticava, anunciava a vinda do Reino de Deus, era fortemente consciente da sua missão e origem divinas, que combatia e expulsava demônios e males e que ensinava por parábolas. (DUNN, 2013, p. 91).

Enquanto os teólogos discutem, os leigos ficam confusos nesse vai-e-vem entre Cristo e Jesus, entre a história e a fé, abrindo, assim, espaço para uma recepção mais livre e pentecostal. De fato, algumas discussões de exegese e hermenêutica, que parece querem chegar à questão principal – Quem é Jesus? – tornam-se especulações sofisticadas, que, não raro, vão às filosofias contemporâneas buscar um suporte racional. De uma pergunta aparentemente direta: “Quem é Jesus em sua realidade pessoal?”, chega-se imediatamente a outra mais abstrata: “Qual é a realidade ontológica de Jesus?”, cuja Teologia de Jesus se projeta e modifica numa teologia *sobre* Jesus. (GIBELLINI, 2002, p. 336).

Outras expressões teológicas acrescentam novos matizes – literalmente: novas cores – à figura de Jesus, quando afirmam que Cristo é negro, ou que o Messias é negro. (GIBELLINI, 2002, p. 399-400). Note-se que, mais uma vez, não se fala de Jesus, que, como se sabe, historicamente, não era negro, mas de Cristo, o Messias, ou seja, o Jesus da fé; a teologia radical de Albert Cleage que, em 1968, reclamava para os negros hebreus a autoria da Bíblia, e que Israel seria uma nação negra, só pode interpretar-se em sentido alegórico ou espiritual, ou seja, no sentido do título deste artigo: entendemos o Jesus que era (ou foi) a partir do que Jesus é hoje para nós.

Mas, antes mesmo que a Teologia fizesse a distinção entre Jesus histórico e Jesus da fé, já Dostoiévski o tinha feito na lenda do *Grande Inquisidor*, contada por Ivan em *Os irmãos Karamazov* (1879-1880): quando Jesus reaparece na Terra (Sevilha), retomando sua imagem de compaixão e bondade e sua ação milagrosa em favor dos doentes e sofredores, o Inquisidor (a Igreja) o prende e, na prisão, o repreende, porque ele não teria o direito de alterar a sua obra (a Igreja e sua missão) que tinha entregue a seus discípulos; o Jesus eclesial, que se manifesta

nas Igrejas, não é o Jesus que viveu na Palestina. (DOSTOIÉVSKI, 2008, v. I, p. 341-366).

Mas, se o Jesus que é hoje para os crentes não é o mesmo Jesus da Palestina, qualquer figura ou interpretação de Jesus pode surgir e ser aceitável, sem que os teólogos a serviço das autoridades eclesiais possam delimitar com segurança as fronteiras além das quais as interpretações caem nos “desvios doutrinários” (heresias). A imaginação cabe ao povo, e *vox populi vox Dei*. Dito em estilo jornalístico: sobre o Jesus histórico “o que se concluiu até agora é falso. Não há história mais cheia de furos”. (TOLEDO, 1992, p. 48a).

## 6 Considerações finais

Ninguém é dono da imagem de Jesus, sequer são os cristãos. Essa imagem já não era idêntica em cada um dos quatro Evangelhos canônicos, e uma vez lançada ao mundo, na segunda metade do século I, ela foi recebida e apropriada por muitas leituras e interpretações; foi revista e refeita e, até hoje, é sinal de contradição para muitos e para outros é de salvação. Mesmo entre os seus seguidores, Jesus teve inúmeras variantes de recepção, umas mais fiéis do que outras, mas todas se julgavam a melhor. Mas se pergunta: Fiéis a quê? Se paralelamente aos Evangelhos outras *Boas-Novas* circulavam em várias línguas, todas disputavam maior fidelidade?

Qual vai ser a imagem de Jesus nas próximas gerações? Provavelmente, mais variada do que a atual: o povo aceitará muitas roupagens diferentes, e os teólogos terão muito trabalho para examiná-las. Jesus é o fundamento e a razão de ser da Igreja que realiza o cristianismo: seja lá como for a imagem de Jesus Cristo, assim será sua Igreja: se casado, por que não há padres casados? Se Maria é a Grande Mãe, porque não sacerdotisas? Jesus iluminado, cristãos esclarecidos; mais ressurreição e menos cruz, mais alegria e menos austeridade; Jesus pobre, Igreja pobre...

A convivência entre as Igrejas de Cristo não será mais a de tolerância passiva, que não hostiliza nem ofende, mas a da aceitação positiva de que a Igreja de Cristo é uma só com variantes doutrinárias, sem que exista um juiz decisor para definir quem tem maior validade. A Igreja Católica não lamentará mais o êxodo de seus fiéis que migram para outras Igrejas, mas aceitará não ser a única intérprete válida da doutrina acerca de quem é Jesus.

## Nota

---

<sup>1</sup> Assinado por Abba Yaacov Kadosh, Mestre Yeshua Reiki e Rabino da Igreja Judaica Cristã Essênica de Jesus Cristo, no jornal *Ganesh* (s.d.).

## Referências

---

- ALCORÃO. *O Significado dos versículos do Alcorão Sagrado com comentários*. Trad. de Samir El Hayek. 14. ed. São Paulo: Marsa M, 2004. (1974).
- ANCONA, Mathew d'; THIEDE, Carsten Peter. *Testemunha ocular de Jesus: novas provas em manuscritos sobre a origem dos Evangelhos*. Trad. de Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ARIAS, Juan. *Madalena: o último tabu do cristianismo: o segredo mais bem-guardado da Igreja: as relações entre Jesus e Maria Madalena*. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BELTRÃO, Tatiana. A outra face. *Diário Catarinense*, Florianópolis, p. 9-11, 19 dez. de 2004.
- BÍBLIA SAGRADA. Roma: Pontifício Instituto Bíblico de Roma; São Paulo: Paulinas, 1967.
- BLOOM, Harold. *Jesus e Javé: os nomes divinos*. Trad. de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- BULTMANN, Rudolf. Teologia do Novo Testamento. Trad. de Ilson Kayser. São Paulo: Teológica, 2004.
- BURSTEIN, Dan (Ed.). *Os segredos do código*. Trad. de Carlos I. Costa et al. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CORDEIRO, Tiago. Ceileiro de Messias. *Aventuras na História*, São Paulo, v. 101, p. 28-37, dez. 2011.
- CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Trad. de André Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamazov*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- DOWLING, Levi H. *O Evangelho aquariano*. Ohio: Beleville, 1884.
- DUNN, James D. G. *Jesus em nova perspectiva*. São Paulo: Paulus, 2013.
- EL HAYEK. *Tradução e notas ao Alcorão sagrado*. 2004.
- FARIA, Frei Jacir de Freitas OFM. *Bíblia apócrifa: a outra face do cristianismo*.

- Cadernos Patrísticos*, Florianópolis, v. IV, n. 7, p. 63- 80, 2009.
- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do século XX*. Trad. de João Paixão Netto. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- GROOTHUIS, Douglas. *Revealing the New Age Jesus*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990.
- HOLY BIBLE. New revised standard version with apocrypha. Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press, 1977.
- KAMEL, Ali. *Sobre o Islã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- KERSTEN, Holger. *Jesus viveu na Índia*. Trad. de Jane Valeriano Santos. 22. ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2005.
- LUPI, João. A nova era de Aquário. *Revista História: debates e tendências*, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 364-375, jul./dez. 2009.
- MEYER, Marvin. O homem que compreende Judas. *Veja*, ed. 1988, n. 51, 27 dez. 2006.
- MODERNELL, Renato. Jesus pastor de enigmas. *Terra*, ed. 128, p. 49-54, dez. 2002.
- MONTENEGRO, Érica. Um outro Jesus. *Superinteressante*, ed. 207, p. 49-57, 10 dez. 2004.
- NOTOVITCH, Nicolai. A vida desconhecida de Jesus. In: KERSTEN, H. *Jesus viveu na Índia...* 2005.
- OTERO, Aurélio de Santos. *Los Evangelios Apócrifos*. 6. ed. Madrid: BAC, 1988.
- PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos gnósticos*. Trad. de Marisa Motta. Rio, Objetiva, 2006.
- SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico*. Trad. de Eduardo de Proença e Wolfgang Fischer. 3. ed. São Paulo: Editorial, 2009.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. O Jesus da história. *Veja*, ed. 1267, n. 52, p. 48-59, 23 dez. 1992.
- TREVISAN, Lauro. *Jesus. Precursor e anunciador da nova era*. 3. ed. Santa Maria: Mente, 1993.
- UR-RAHIM, Muhammad Ata. *Jesus: um profeta do Islão*. Lisboa: M. Yiossuf Adamgy & Muhammad L. Madureira. Al Furqán, 1995.
- RICE, Tim; WEBBER, Andrew Lloyd. *Jesus Christ Superstar*. Londres, Leeds Music e outros, 1969, 1973.